

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.

Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 30 de Abril.

(NUMERO 9.

O que he huma Coquetta.

NÃO temos em nosso idioma hum vocabulo, que exprima exactamente a noção mui complexa, que os Francezes dão ao seu vocabulo *coquette*. O nosso classico D. Francisco Manoel, e outros servião-se do epitheto *loureira* para significar a mulher dada a namoricos; e em certos casos este nome pode mui bem traduzir-se pelo de *coquette*: porem este vocabulo tem muito maior extensão; porque a *coquette* não he só namoradeira; he tambem faustosa, fatua, cheia de vaidades, e que s' se occupa em estudar todos os meios, todas as traças de se tornar agradável, e seductora.

Tendo sido os nossos maiores muito menos afrancezados, do que nós apenas conhecião as suas loureiras, isto he; moças, que se ataviavão, e enfeitavão a fim de serem galanteadas dos maganões do seu tempo: mas hoje, graças a Deos, que só nos falta cuspir á franceza, hoje, que tudo absolutamente vamos adoptando da França em materia de usos, maneiras, e costumes, hoje, que o nosso Brasil, de mui polido, e civilisado, que está, já conta não pequeno numero de madamas plena, e completamente afrancezadas; tenho, que talvez nos seja indispensavel o naturalisarmos o vocabulo *coquette* com muita maior razão, e necessidade, do que as *ressursas*, os *massacres*, os *resortes*, o *estar ao facto*, e innumerados outros gallecismos, de que muitos se

servem em desapiedado menoscabo da alias riquissima, e formosissima lingua portugueza: pelo que dada a terminação propria desta não duvidarei de adoptar o vocabulo *coquetta* com a mesma extensão de significado, que lhe tem dado os Francezes.

E o que será huma legitima coqueta? Para que os meus benignos Leitores melhor possão ajuizar nesta materia, eu passo a appresentar-lhes o Retracto iconologico, que fez da *coquettaria* hum auctor moderno, e de mais a mais Francez, cujo voto deve ser decisivo na materia. Ah! vai a traducção, não boa certamente; mas tal, e quejanda, segundo melhor pude entender.— A *Coquettaria* he huma joven com hum vestido todo semeado de lantijoilas e latas. O seu passo he ligeiro, e bolicoso, como o de Flora, quando acaricia o Zefiro sobre o esmalte dos prados. Tem o mel nos labios feiticciros, e o abyssintio no coração. Humas vezes dardeja dos olhos scintilantes raios seductores do desejo; outras cobre-os de nuvens d'huma languidez voluptuosa. Ora as caricias lhe animão a tez com o doce vermelho das rosas, ora tinge-se com os brandos matizes d'huma sensibilidade mentirosa. Seus cabellos fluctuão á mercè dos revoltosos caprichos, irmãos dos inconstantes Zefiros. Traz na mão huma rede delicada tecida d'artimanhas, de desmaios, de suspiros, e d'outros estratagemas; e de continuo a agita sobr'hum cardume bolicoso de

entesinhos transparentes, que para logo se achão abatidos a seus pés na postura do despeito, do servilismo, e da desesperação. D'ahi á Galantaria há só hum passo. Esta he huma dama, que parece ter o rosto calçado de asso. O cynismo da licença lhe sombreia a cabeça com o seu penacho orgulhoso: o despejo reina em seus alhos nunca visitados do pudor, semelhantes aos das Bachantes quando desgrenhadas, e com o thyrsos na mão pizão todas as leis da decencia. Suas roupas curtas, parecidas ás das donzellas de Sparta, quando quasi nuas lião disputar o preço dos exercicios gymnicos, são enfeitadas de cores cambiantes. Dos impuros labios lhe sahe o fogo das pinturas perigosas: huma mocidade ardente, sustentando em hũa mão a tocha da paixão, e em outra a fragil cana da inexperiencia, corre pressurosa a perder no golfão da corrupção os fructos ainda verdes da educação, as brandas raizes da virtude, e as delicadas flores da saude.—

Huma coquetta he o etymon da inconstancia, he hum composto de fingimentos, e seduções. Se he solteira, ou viuva, namora, e deixa-se namorar de quantos damejadores a cortejão, e galanteiã; a todos assiste, a todos surri acaraciadora, e bondadosa, a todos entretêm em enganosas esperanças: se he casada, tem o pobre marido, quando muito, por hum mero traste de luxo, e de convenção, de que apenas se faz uso em certos dias *pro formula*. Nunca a sinceridade, e a candura achão entrada no coração da coquetta; todos os seus ademães, todas as suas maneiras, todas as suas palavras, todas as suas acções são estudadas, e contrafeitas. tudo nella se enderessa a lisonjear, e seduzir a mais poderosa das paixões humanas, qual he o amor fizico. D'aqui vem o extremo cuidado, que ella tem em reparar, e concertar os estragos, que causar-lhe possa a mão des-

truidora do tempo: d'aqui o artificio dos arrebiques, dos besuntos, dos cosmeticos, e toda a farragem de excessivos adornos e das modas mais extravagantes: d'aqui finalmente os cabellos posticos, e outras muitas cousas posticas, com que a coquetta procura suprir faltas alias irreparaveis da natureza, ou dos annos.

Curius Fortunatianus, Rhetorico do 3.^o Seculo traz em huma das suas obras o seguinte problema — Huma coquetta tinha trez amantes: brindou o primeiro; deo o sobejo do seu copo ao segundo, e coroou o terceiro. Pergunta-se a qual destes dava ella preferencia. Esta questão poz em alarma a Republica das Letras, e sobr'ella discutirão largamente varios Professores reunidos em a Universidade de Upsal, se bem que todos os barbaças desta sabião muito menos de taes materias, do que ahi qual quer francatripas, que bebe das agoas do Sena, e mesmo cá do nosso Capibaribe. Seja porem como for, os Snrs. Mestres, depois de haver dado o nome de A ao amante, a quem a coquetta brindou, o de B a aquelle, a quem entregou o sobejo do seu copo, e o de C ao que cingio de coroas, proferirão mui anchos, e auctoritativos a decisão seguinte. — A moça deseja ter o A por amigo, o B por amante, e o C por marido. O primeiro tem em seu favor a confiança, o segundo a paixão, o terceiro a vaidade. Ella fará ensaios do A, desgostar-se-há do B, e conservará o C. A reina em o coração, C na cabeça, e o B rege esse movel interno, que os Medicos denominão o *plexo nervoso*, que Diderot chamon a besta feroz, e que varios sabios querem, substitua na mecanica da mulher á maquina de vapor — Tal foi a decisão do entrincado problema; porem se eu tivesse o merito, e honra de pertencer a tão illustre conclave, pedindo venia acrescentaria, que a tal menina do problema em breve esquecer-se-ia do A B C, e

continuará os seus exercicios amatorios por todas as mais letras do alfabeto.

O Dr. Palpard, medico da faculdade de Montpellier pretendeo provar em huma memoria relativa ao assumpto, que nos occupa, que o sentimento do pudor he muito mais natural, e constante no homem, que na mulher. Em prova da sua extranha assersão cita todos os factos, que a experiencia lhe subministrára em sincoenta annos de exercicio da su'arte, e bem assim o testemunho de crescido numero de seus colegas, e empregados d'ambos os sexos no serviço dos hospitaes. O estylo da Medicina tem privilegios, a que se recusa a nossa delicadeza; pelo que não ousa rei analysar factos descriptos pelo auctor com huma candura, e chaneza tão positivas, que me espantão: só direi pois em resultado, que nas mesmas provanças, em que o homem não testemunhou, se não vergonha, impaciencia, e zanga, muitas mulheres, depois d'huma defeza breve, e dengosa, sempre mostrarão resignação, docilidade, indiferença, e satisfação mal desfarçada.

O mesmo Dr. indaga depois as causas desta opposição de proceder. O pudor inteiramente desconhecido na vida selvagem,

lhe parece hum fructo da civilisação, e das ideias religiosas; mas encontra huma inimiga muito mais poderosa na mulher, do que no homem, e vem a ser; a *Coquettaria*. Elle pretende alem disto, que a humidade dos labios he hum dos signaes caracteristicos das coquettas; e assim o decidio a hum celebre pintor, que sendo encarregado por hum fidalgo de fazer hum quadro representando a Voluptuosidade, o homem não o quiz receber dizendo, que ia de encontro á verdade em hum ponto capital. Ambos convem, que a principal figura deve exprimir o desejo; mas o fidalgo sustenta, que deve ser por labios seccos, e sequiosos, e não humidos, como o artista delicadamente os representara.

Sustentava o pintor pelo contrario, que a humidade dos labios sempre accompanha as mulheres coquetas, e que nesta classe está sem duvida a Voluptuosidade personalisada. O Dr. Palpard foi de parecer a final, que não se conciderando a humidade labial, se não como hum simples resultado da irritação habitual da membrana pituitaria, e do systema mucoso, ainda assim estava em pé a sua opinião; porque he cousa bem sabida, que as mulheres apaixo-

nadas, e mui impressionaveis ao amor mais facilmente adquirer defluxos, do que as outras pessoas do seu sexo.

“ Acertou Vm., (disse elle ao pintor) e mui proprios estão os labios da sua figura da Voluptuosidade. Plinio o naturalista, e outros escriptores d’antiguidade referem duas particularidades a respeito de Antonia viuva de Claudio Druso, hum era, que nunca cuspira, e a outra, que sempre fora casta. Esta ultima circumstancia he bem para notar-se em hum filha do famoso Triunviro, desse Marco Antonio, que abalou o universo pela eñergia de suas frascarias. Pouco importa, que essa moça fosse casta; porque jamais cuspio, ou que jamais cuspisse por ser casta: a concomitancia dos dous factos vem em defeza da exactidão do quadro. Acresce a esse testemunho antigo a mais respeitavel auctoridade entre os modernos, quero dizer; a Academia Franceza, a qual em o seu Diccionario, traduz esta expressão vulgar — *L’eau lui en vient à la bouche* (vem-lhe agoa á bocca) por est’outra — *Il y prend gout, cela lui fait envie* — (acha gosto nisto, isto excita-lhe desejos) Esta synonymia condemna sem replica a opinião do fidalgo; porque

mostra hum a secreta sympathia entre o nascimento do desejo, e a secessão das glandulas salivares. „ Muito se há discorrido a respeito da Coquettaria !

VARIEDADE. — *Anecdotas.*

Pelo Natal proximo passado em certo lugar dos nossos suburbios deo se hum grande baile. Hum dos convidados (gamenho de patente) estava justo e contractado muito de ante-mão para dansar todas as quadrilhas com certa menina sua predilecta, &c. &c. No dia aprazado houve bastante chuva. A noite preparou se, gaitou-se, defumou-se, amolou-se em fim o nosso joven; mas escorregou no caminho, foi a terra, enlameou-se todo, e não pode ir ao baile. Que forquilha! Que zanga!

— Perguntando hum a senhora mui piedosa ao seu Cura o que fizera S. Pedro depois que teve a fraqueza de negar a seu Divino Mestre; respondeo-lhe, que este caso não vinha no seu Larraga, e que elle sempre foi inimigo de saber da vida alheia.

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 30 de Abril.

(NUMERO 9.

O que he huma Coquetta.

NÃO temos em nosso idioma hum vocabulo, que exprima exactamente a noção mui complexa, que os Francezes dão ao seu vocabulo *coquette*. O nosso classico D. Francisco Manoel, e outros servião-se do epitheto *loureira* para significar a mulher dada a namoricos; e em certos casos este nome pode mui bem traduzir-se pelo de *coquette*: porem este vocabulo tem muito maior extensão; porque a *coquette* não he só namoradeira; he tambem faustosa, fatua, cheia de vaidades, e que s' se occupa em estudar todos os meios, todas as traças de se tornar agradavel, e seductora.

Tendo sido os nossos maiores muito menos afrancezados, do que nós apenas conhecião as suas loureiras, isto he; moças, que se ataviavão, e enfeitavão a fim de serem galanteadas dos maganões do seu tempo: mas hoje, graças a Deos, que só nos falta cuspir á franceza, hoje, que tudo absolutamente vamos adoptando da França em materia de usos, maneiras, e costumes, hoje, que o nosso Brasil, de mui polido, e civilizado, que está, já conta não pequeno numero de madamas plena, e completamente afrancezadas; tenho, que talvez nos seja indispensavel o naturalisarmos o vocabulo *coquette* com muita maior rasão, e necessidade, do que as *ressuras*, os *massacres*, os *resortes*, o *estar ao facto*, e innumerados outros gallecismos, de que muitos se

servem em desapiedado menoscabo da alias riquissima, e formosissima lingua portugueza: pelo que dada a terminação propria desta não duvidarei de adoptar o vocabulo *coquette* com a mesma extensão de significado, que lhe tem dado os Francezes.

E o que será huma legitima coqueta? Para que os meus benignos Leitores melhor possão ajuizar nesta materia, eu passo a appresentar-lhes o Retracto iconologico, que fez da *coquettaria* hum auctor moderno, e de mais a mais Francez, cujo voto deve ser decisivo na materia. Ahi vai a traducção, não boa certamente; mas tal, e quejanda, segundo melhor pude entender.— A *Coquettaria* he huma joven com hum vestido todo semeado de lantijoilas e latas. O seu passo he ligeiro, e bolicoso, como o de Flora, quando acaricia o Zefiro sobre o esma'te dos prados. Tem o mel nos labios feiticeiros, e o abyssintio no coração. Humas vezes dardeja dos olhos scintilantes raios seductores do desejo; outras cobre-os de nuvens d'huma languidez voluptuosa. Ora as caricias lhe animão a tez com o doce vermelho das rosas, ora tinge-se com os brandos matizes d'huma sensibilidade mentirosa. Seus cabellos fluctuão á mercè dos revoltosos caprichos, irmãos dos inconstantes Zefiros. Traz na mão huma rede delicada tecida d'artimanhas, de desmaios, de suspiros, e d'outros es'ratagemas; e de continuo a agita sobr'hum cardume bolicoso de

entesinhos transparentes, que para logo se achão abatidos a seus pés na postura do despeito, do servilismo, e da desesperação. D'ahi á Galantaria há só hum passo. Esta he huma dama, que parece ter o rosto calçado de asso. O cynismo da licença lhe sombreia a cabeça com o seu penacho orgulhoso: o despejo reina em seus alhos nunca visitados do pudor, semelhantes aos das Bachantes quando desgrenhadas, e com o thyrsos na mão pizão todas as leis da decência. Suas roupas curtas, parecidas ás das donzellas de Sparta, quando quasi nuas hião disputar o preço dos exercicios gymnicos, são enfeitadas de cores cambiantes. Dos impuros labios lhe sahe o fogo das pinturas perigosas: huma mocidade ardente, sustentando em hũa mão a tocha da paixão, e em outra a fragil cana da inexperiencia, corre pressurosa a perder no golfão da corrupção os fructos ainda verdes da educação, as brandas raizes da virtude, e as delicadas flores da saude.—

Huma coquetta he o etymon da inconstancia, he hum composto de fingimentos, e seducções. Se he solteira, ou viuva, namora, e deixa-se namorar de quantos damejadores a cortejão, e galanteiã; a todos assiste, a todos surri acaraciadora, e bondadosa, a todos entretém em enganosas esperanças: se he casada, tem o pobre marido, quando muito, por hum mero traste de luxo, e de convenção, de que apenas se faz uso em certos dias *pro formula*. Nunca a sinceridade, e a candura achão entrada no coração da coquetta; todos os seus ademães, todas as suas maneiras, todas as suas palavras, todas as suas acções são estudadas, e contrafeitas: tudo nella se enderessa a lisonjear, e seduzir a mais poderosa das paixões humanas, qual he o amor fisico. D'aqui vem o extremo cuidado, que ella tem em reparar, e concertar os estragos, que causar-lhe possa a mão des-

truidora do tempo: d'aqui o artificio dos arrebiques, dos besuntos, dos cosmeticos, e toda a farragem de excessivos adornos e das modas mais extravagantes: d'aqui finalmente os cabellos posticos, e outras muitas cousas posticas, com que a coquetta procura suprir faltas alias irreparaveis da natureza, ou dos annos.

Curius Fortunatianus, Rhetorico do 3.^o Seculo traz em hum das suas obras o seguinte problema — Huma coquetta tinha trez amantes: brindou o primeiro; deo o sobejo do seu copo ao segundo, e coroou o terceiro. Pergunta-se a qual destes dava ella preferencia. Esta questão poz em alarma a Republica das Letras, e sobr'ella discutirão largamente varios Professpres reunidos em a Universidade de Upsal, se bem que todos os barbaças desta sabião muito menos de taes materias, do que ahi qual quer francatripas, que bebe das agoas do Sena, e mesmo cá do nosso Capibaribe. Seja porem como for, os Snrs. Mestres, depois de haver dado o nome de A ao amante, a quem a coquetta brindou, o de B a aquelle, a quem entregou o sobejo do seu copo, e o de C ao que cingio de coroas, proferirão mui anchos, e auctoritativos a decisão seguinte. — A moça deseja ter o A por amigo, o B por amante, e o C por marido. O primeiro tem em seu favor a confiança, o segundo a paixão, o terceiro a vaidade. Ella fará ensaios do A, desgostar-se-há do B, e conservará o C. A reina em o coração, C na cabeça, e o B rege esse movel interno, que os Medicos denominão o *plexo nervoso*, que Diderot chamou a besta fe-roz, e que varios sabios querem, substitua na mecanica da mulher á maquina de vapor — Tal foi a decisão do entrincado problema; porem se eu tivesse o merito, e honra de pertencer a tão illustre conclave, pedindo venia acrescentaria, que a tal menina do problema em breve esquecer-se-ia do A B C, e

continuará os seus exercicios amatorios por todas as mais letras do alfabeto.

O Dr. Palpard, medico da faculdade de Montpellier pretendeo provar em huma memoria relativa ao assumpto, que nos occupa, que o sentimento do pudor he muito mais natural, e constante no homem, que na mulher. Em prova da sua extranha assersão cita todos os factos, que a experiencia lhe subministrára em sincoenta annos de exercicio da su'arte, e bem assim o testemunho de crecido numero de seus colegas, e empregados d'ambos os sexos no serviço dos hospitaes. O estylo da Medicina tem privilegios, a que se recusa a nossa delicadeza; pelo que não ousarei analysar factos descriptos pelo auctor com huma candura, e chaneza tão positivas, que me espantão: só direi pois em resultado, que nas mesmas provanças, em que o homem não testemunhou, se não vergonha, impaciencia, e zanga, muitas mulheres, depois d'huma defeza breve, e dengosa, sempre mostrarão resignação, docilidade, indifferença, e satisfação mal desfarçada.

O mesmo Dr. indaga depois as causas desta opposição de proceder. O pudor inteiramente desconhecido na vida selvagem,

lhe parece hum fructo da civilisação, e das ideias religiosas; mas encontra huma inimiga muito mais poderosa na mulher, do que no homem, e vem a ser; a *Coquettaria*. Elle pretende alem disto, que a humidade dos labios he hum dos signaes caracteristicos das coquettas; e assim o decidio a hum celebre pintor, que sendo encarregado por hum fidalgo de fazer hum quadro representando a Voluptuosidade, o homem não o quiz receber dizendo, que ia de encontro á verdade em hum ponto capital. Ambos convem, que a principal figura deve exprimir o desejo; mas o fidalgo sustenta, que deve ser por labios seccos, e sequiosos, e não humidos, como o artista delicadamente os representara.

Sustentava o pintor pelo contrario, que a humidade dos labios sempre accompanha as mulheres coquetas, e que nesta classe está sem duvida a Voluptuosidade personalisada. O Dr. Palpard foi de parecer a final, que não se conciderando a humidade labial, se não como hum simples resultado da irritação habitual da membrana pituitaria, e do systema mucoso, ainda assim estava em pé a sua opinião; porque he cousa bem sabida, que as mulheres apaixo-

nadas, e mui impressionaveis ao amor mais facilmente adquirer defluxos, do que as outras pessoas do seu sexo.

“Acertou Vm., (disse elle ao pintor) e mui proprios estão os labios da sua figura da Voluptuosidade. Plinio o naturalista, e outros escriptores d’antiguidade referem duas particularidades a respeito de Antonia viuva de Claudio Druso, huma era, que nunca cuspira, e a outra, que sempre fora casta. Esta ultima circumstancia he bem para notar-se em huma filha do famoso Triunviro, desse Marco Antonio, que abalou o universo pela energia de suas frascarias. Pouco importa, que essa moça fosse casta; porque jamais cuspio, ou que jamais cuspsisse por ser casta: a concomitancia dos dous factos vem em defeza da exactidão do quadro. Acresce a esse testemunho antigo a mais respeitavel auctoridade entre os modernos, quero dizer; a Academia Franceza, a qual em o seu Diccionario, traduz esta expressão vulgar — *L’eau lui en vient à la bouche* (vem-lhe agoa á bocca) por est’outra — *Il y prend gout, cela lui fait envie* — (acha gosto nisto, isto excita-lhe desejos) Esta synonymia condemna sem replica a opinião do fidalgo; porque

mostra huma secreta sympathia entre o nascimento do desejo, e a secessão das glandulas salivares. „ Muito se há discurrido a respeito da Coquettaria!

VARIEDADE. — *Anecdotas.*

Pelo Natal proximo passado em certo lugar dos nossos suburbios deo se hum grande baile. Hum dos convidados (gamenho de patente) estava justo e contractado muito de ante-mão para dansar todas as quadrilhas com certa menina sua predilecta, &c. &c. No dia aprazado houve bastante chuva. A noite preparou se, gaitou-se, defumou-se, amolou-se em fim o nosso joven; mas escorregou no caminho, foi a terra, enlameou-se todo, e não pode ir ao baile. Que forquilha! Que zanga!

— Perguntando huma senhora mui piedosa ao seu Cura o que fizera S. Pedro depois que teve a fraqueza de negar a seu Divino Mestre; respondeo-lhe, que este caso não vinha no seu Larraga, e que elle sempre foi inimigo de saber da vida alheia.